Revista Macambira

Identidade forjada na roça: arando as terras da minha memória

Aline Mota de Almeida[1]

RESUMO

Trata-se de um texto autoetnográfico no qual descrevo minhas experiências e memórias da roça em que nasci e cresci junto a minha família nuclear (monoparental) e aos meus avós maternos. Tem como objetivo suscitar saberes e conhecimentos, adormecidos em minhas lembranças, articulando-os ao contexto rural, cultural e social vivido e refletir criticamente acerca da realidade e dos sistemas sociais. Considero que ser criada na roça, junto aos meus avós e demais moradores, definiu minha pessoa, alicerçou valores e serviu de bússola para as direções a seguir e as decisões a tomar no percurso da vida; assim, forjou minha identidade. A escrita está carregada de emoções e lembranças pessoais da infância e adolescência que dão o tom subjetivo e emotivo a cada registro. O relembrar e escrever minhas experiências trouxeram à tona situações de dores e de alegrias que, ao serem aradas e remexidas por minha memória, promoveram sementes de cura e compartilharam percepções e sentimentos que podem reluzir nas lembranças e nos sentimentos de outras pessoas para que, de certo modo, identifiquem-se e sintam-se contemplados com as estratégias de superação e enfrentamento do vivido.

Palavras-chave: Vida rural, Autoetnografia, Família, Herança.

Identity forged in the field: plowing the lands of my memory

ABSTRACT

This is an autoethnographic text in which I describe my experiences and memories of the rural area where I was born and raised with my nuclear family (single-parent family) and my maternal grandparents. Its aim is to evoke knowledge and wisdom dormant in my memories, connecting them to the rural, cultural, and social context I experienced, and to critically reflect on reality and social systems. I believe that being raised in the countryside, alongside my grandparents and other residents, defined me, established my values, and served as a compass for the directions to follow and the decisions to make throughout my life, thus forging my identity. The writing is laden with emotions and personal memories from childhood and adolescence, which give a subjective and emotional tone to each entry. Remembering and writing about my experiences brought to light situations of pain and joy that, as they were tilled and stirred by my memory, fostered seeds of healing and shared perceptions and feelings that can shine through in the memories and feelings of other people so that, in a certain way, they can identify with and feel included in the strategies for overcoming and coping with what they experienced.

Keywords: Rural life, Autoethnography, Family, Heritage.

Identidad forjada en el campo: arando las tierras de mi memoria

RESUMEN

Este es un texto autoetnográfico en el que describo mis experiencias y recuerdos de la zona rural donde nací y crecí con mi familia nuclear (monoparental) y mis abuelos maternos. Su objetivo es evocar el conocimiento y la sabiduría latentes en mis recuerdos, conectándolos con el contexto rural, cultural y social que viví, y reflexionar críticamente sobre la realidad y los sistemas sociales. Creo que haber crecido en el campo, junto a mis abuelos y otros residentes, me definió, estableció mis valores y me sirvió de guía para las decisiones que tomé a lo largo de mi vida, forjando así mi identidad. El texto está impregnado de emociones y recuerdos personales de la infancia y la adolescencia, lo que le confiere un tono subjetivo y emotivo a cada entrada. Recordar y escribir sobre mis

[1] Doutora em Família pelo Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Emílio Odebrecht, 367, Pituba, Salvador, Bahia, Brasil, CEP: 41830-300. E-mail: alinedamota@uefs.br.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1769

experiencias sacó a la luz situaciones de dolor y alegría que, al ser cultivadas y removidas por mi memoria, fomentaron semillas de sanación y percepciones y sentimientos compartidos que pueden reflejarse en los recuerdos y sentimientos de otras personas para que, de alguna manera, puedan identificarse y sentirse incluidas en las estrategias para superar y afrontar lo que vivieron.
Palabras clave: Vida rural, Autoetnografía, Familia, Patrimonio.

AS TERRAS REVIRADAS DA MEMÓRIA

Trata-se de um texto autoetnográfico no qual descrevo minhas experiências e memórias da roça em que nasci e cresci junto a minha família nuclear (monoparental) e aos meus avós maternos. Tem como objetivo suscitar saberes e conhecimentos, adormecidos em minhas lembranças, articulando-os ao contexto rural, cultural, social e refletir criticamente acerca da identidade forjada na roça, na realidade vivida.

O desnudar-me em palavras e registros escritos não é tarefa fácil. O romper da barreira do não dito e não exposto se iniciou em 2018, durante a realização do doutorado no Programa de Família na Sociedade Contemporânea na Universidade Católica do Salvador-UCSal, quando passei a integrar o grupo de pesquisa Família, (Auto) Biografia e Poética (FABeP). Esse grupo, ou seria essa Nau, sob a batuta da minha orientadora, Drª Elaine Rabinovich, iniciou o compasso e a dinâmica dos meus mergulhos internos, e despertou a necessidade e o interesse de aerar o chão batido das minhas memórias pessoais e familiares.

O FABeP tem trabalhado com autoetnografia colaborativa, para isso, parte de narrativas autobiográficas individuais geradas como respostas a questões norteadoras, seguido de compartilhamento através de leitura oral, da participação colaborativa dos demais membros do grupo. Após a escuta atentiva, ocorrem inferências, questionamentos, interpretações, apreciação, identificação de similaridades e diferenças, partindo para a análise articulada ao contexto social, cultural, político e religioso da família brasileira em diversos espaços/tempos. Assim, esse compartilhamento promove "[...] um acesso mais íntimo e, portanto, aprofundado, na medida em que possibilita o conhecer a si na visão do outro e o reconhecer no outro do que também emerge de si" (Cardoso, 2020, p. 85).

A autoetnografia como método de pesquisa usa a experiência pessoal do pesquisador para descrever crenças culturais, práticas e experiências, valorizando as relações do pesquisador com os demais sujeitos da pesquisa e conduz a uma profunda e cuidadosa autorreflexão, para interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro (Santos, 2017).

As escritas autoetnográficas:

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102003.
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1769

> São elaborações pessoais criativas de histórias fabuladas de experiências individuais, ancoradas em suas percepções culturais, que podem ser re-sentidas por diferentes pessoas; mas especialmente por aquelas que se identificam com os questionamentos éticos, políticos e metodológicos apresentados nesta forma de apreender e relatar o mundo (Gama; Raimondi; Barros, 2021).

Apesar da dificuldade em vencer a barreira da exposição pessoal, a reflexividade em revirar a memória, chegar ao passado no presente e permitir-se mergulhar em momentos de saudade e nostalgia, desperta um sentimento prazeroso e desafiador na tentativa de transformar em escrita e refletir acerca das lembranças, emoções, tristezas e alegrias vividas como criança, adolescente e mulher em uma pequena fazenda no interior do estado da Bahia. Nessa perspectiva, Sá (2024, p. 16) considera que "[...] na autoetnografia o pesquisador se torna o próprio campo e o próprio objeto de estudo, analisando suas experiências e dando ênfase nos sentimentos vividos com o objetivo de compreender melhor um fenômeno social".

No grupo FABeP tive a oportunidade de pesquisar e refletir sobre minhas famílias extensas que proporcionaram espaços de aprendizagem para o meu vir a ser (Almeida, 2020) e, ao remexer as terras áridas da memória, percebi como dependi e dependo de pessoas diversas com as quais tive a oportunidade de compartilhar, construir e (re)significar saberes e práticas. Assim a escrita deste texto está carregada de emoções e lembranças pessoais da infância e adolescência que dão o tom subjetivo e emotivo a cada registro.

Meus avós maternos residiam em uma fazenda, na cidade de Muritiba, na Bahia. A família era composta por sete filhas mulheres e um homem. Todos os membros foram criados trabalhando na roça com agricultura diversificada (feijão, mandioca, frutas e legumes), criação de gado e preparo de farinha e café. Entretanto, as filhas mais novas tiveram a oportunidade de estudar, pelo estímulo e empenho das mais velhas, já que, para meus avós, as mulheres deviam ser preparadas para o casamento e o cuidado dos filhos e do lar. E assim, minha mãe, a terceira filha a nascer, cursou apenas o ensino fundamental. Nesse sentido, sabe-se que as mulheres, historicamente no Brasil, ocupavam uma posição social inferior à dos homens, e a maioria era destinada ao matrimônio para cuidar do ambiente doméstico, dos filhos e serem submissas ao marido (Santos; Lima, 2024).

Na casa composta por sete filhas mulheres e apenas um filho homem, as mulheres eram valorizadas pelo desempenho no trabalho agrícola ao lado do meu avô e de alguns trabalhadores e arrendeiros (pessoas ou famílias que trabalhavam na propriedade e dividiam o trabalho e o lucro da produção agrícola). A minha avó cuidava da casa, mas as filhas, especialmente as mais

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102003.
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1769

velhas, além de auxiliar no cuidado doméstico, aplicavam sua força física na roça nas diversas atividades produtivas, mas, como enfatiza Tedeschi (2004), a produção delas era considerada como "ajuda" aos trabalhadores homens, mesmo com dedicação diária e tempo integral de trabalho.

A minha mãe, após casar-se com meu pai – homem da cidade – mudou-se para Salvador. Contudo, minha família nuclear, composta por meus pais, dois irmãos mais velhos e eu, se tornou uma família instável nas relações, emoções e financeiramente. Meu pai se tornou alcoólatra, com isso passamos a viver oscilando entre momentos de alegria e de profunda tristeza, por sofrermos violência familiar de diversas formas o que, finalmente, culminou com o divórcio. Mas como manter a família após a separação? Essa era a preocupação da minha mãe e de meus irmãos, e embora eu tivesse apenas 6 anos, também vivenciei esse medo.

Meus avós maternos nos acolheram na roça! A roça que representava nosso paraíso. Minha mãe retomou os estudos à noite e trabalhava durante o dia como agente administrativo em uma escola estadual pública; mal conseguíamos conversar durante a semana. Embora tenha sido uma situação desconfortável e até inaceitável para alguns membros da família extensa, nós passamos a depender de dois idosos, pois não tínhamos outra opção, voltamos à casa do aconchego. Nossos avós se tornaram o alicerce para nos sentirmos amados, seguros e amparados – puro pertencimento.

Meu avô, estatura mediana, olhos vivos e acinzentados, pele escura de coloração única, descendente de pretos, índios e portugueses, se descrevia como de origem juçara, conseguiu substituir a minha figura paterna, sempre atencioso, provedor, contador de estórias, liderava a família e assumia para si todas as responsabilidades, inclusive a compra de alimentos, mantimentos e até tecidos para confecção de roupas. Minha avó de pele clara, cabelos longos e rosto cheio de rugas como registro da luta diária, descendente de portugueses e pretos, cuidava da casa, saía apenas para visitar parentes e amigos, e frequentar a igreja. O relacionamento dos dois parecia saudável, ele lhe fazia todas as vontades e, sempre que ela decidia ou queria algo, o convencia apenas com conversas de "pé de ouvido". Percebi logo que quem detinha o poder na família era minha avó, embora para a sociedade meu avô era quem ditada as regras.

Nesse contexto, passei o restante da minha infância na roça, estudando e, nas horas vagas, imersa na natureza, acompanhando minha avó e aprendendo a plantar, colher, cuidar de animais, preparar farinha, torrar café, cozinhar, cuidar da casa...e, especialmente, a cultivar minha religiosidade e espiritualidade na Igreja Presbiteriana. Assim, a minha identidade foi forjada, vivenciando as condições históricas e a cultura local da roça, reconhecendo as lutas

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102003.
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1769

enfrentadas pela minha mãe em busca de independência e reconhecimento, o que acredito ter resultado em forma única de existência. A minha infância na roça, junto aos meus avós, me resgatou das sequelas de uma família nuclear adoecida e me tornou o que sou.

Ao considerar que a identidade, segundo Erikson (1972), é uma concepção acerca de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com as quais a pessoa está solidamente comprometida e que construção é considerada o ponto mais importante da adolescência, pois envolve a transformação do adolescente em adultos, reflito que ser criada na roça, junto aos meus avós e demais moradores, definiu minha pessoa, alicerçou valores e serviu de bússola para as direções a seguir e as decisões a tomar no percurso da vida.

A formação da identidade é influenciada por fatores intrapessoais (as capacidades inatas e as características adquiridas da personalidade), por fatores interpessoais (identificações com outras pessoas) e por fatores culturais (valores sociais a que uma pessoa está exposta) (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; Silvares, 2003). Assim sendo, passo a refletir sobre espaços, tempos e pessoas com quem convivi e que auxiliaram no alicerçar da minha infância e adolescência.

Junto a natureza, aprendi a reconhecer o poder dela e a retirar o alimento da terra, superando os desafios do sol e da chuva; a enfrentar as adversidades e não ter medo de trabalho árduo; a reconhecer o saber e as práticas ancestrais sobre plantio, cuidado, alimentação e a saúde; a cultivar laços de solidariedade entre vizinhos, família extensa e amigos; a respeitar a terra e uma agricultura livre de agrotóxicos; e a enxergar na natureza as obras de Deus.

O convívio com os trabalhadores foi enriquecedor e me preparou para as relações interpessoais que hoje vivencio como mãe, esposa, filha, mulher, enfermeira e docente. Lembro-me das atividades na casa de farinha e o processo de organização para descascar a mandioca: um grupo descascando uma parte da raiz e passando para outro grupo pegar na parte descascada e limpar a outra parte, evitando, assim, tocar a parte descascada com a mão suja de terra; parecia algo sincronizado. As pessoas trabalhavam sorrindo e contando casos engraçados e absurdos, em um processo colaborativo intenso. Havia revezamento em quem peneirava a massa, em quem ficava no forno torrando farinha e fazendo beiju, de modo a não sobrecarregar ninguém. A casa de farinha não dispunha de recursos tecnológicos, as atividades eram braçais, e ao final do dia, mesmo trabalhando como ajudante, eu me sentia cansada e feliz pelo trabalho realizado.

Acredito que essa valorização do trabalho está relacionada à prática religiosa, pois, segundo os livros 1 e 2 de Tessalonicenses:

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102003.
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1769

> "Esforcem-se para ter uma vida tranquila, cuidar dos seus próprios negócios e trabalhar com as próprias mãos, como nós os instruímos; a fim de que andem decentemente aos olhos dos que estão de fora e não dependam de ninguém". (1Tes. capítulo 4, 11-12, Bíblia Sagrada, 2013, p. 311).

> "Se alguém não quiser trabalhar, também não coma. Pois ouvimos que alguns de vocês estão ociosos; não trabalham, mas andam se intrometendo na vida alheia. A tais pessoas exortamos no Senhor Jesus Cristo que trabalhem tranquilamente e comam o seu próprio pão". (2 Tes. 3, 10-12, Bíblia Sagrada, 2013, p. 315).

Atualmente, não produzimos mais farinha na roça, contudo, restou a memória afetiva do sabor de uma boa farinha, o que me torna mais exigente ao adquirir o produto. E essa exigência se estende a frutas e verduras de qualidade, sabores de comidas caseiras e doces, a busca por café puro, sem adição de outros produtos... enfim, sinto-me orgulhosa de dizer aos vendedores que sou de origem da roça e que, por isso, sei escolher os produtos de qualidade. Sinto-me especial por isso! Refletindo agora, parece bobagem, mas faz parte do orgulho que sinto da minha origem.

Outro aspecto que destaco é que, na roça, junto aos meus familiares, vizinhos e amigos, aprendi a acolher parentes e forasteiros que necessitavam de acolhida. Diversos membros da família extensa vinham para a casa de meus avós para terem acesso a cuidados de saúde, estudar e trabalhar, passando a morar conosco por algum período. Alguns forasteiros, que vinham de longe, chegavam com suas mochilas e solicitavam água e comida, e essas situações não nos causavam pânico ou medo, pelo contrário, meu avô nos orientava a servir da nossa comida, deixava que descansassem na varada e ainda fornecia alguns suprimentos para a viagem. Hoje, lá na roça, ainda ajudamos a alguns desconhecidos, mas temos medo dessas pessoas e realizamos um pré-julgamento de que são perigosos – onde tudo foi mudado?

O respeito às adversidades também era praticado no contexto da roça. Como criança e adolescentes, eu, meus irmãos e primos, presenciávamos meus avós tratarem as pessoas com respeito, independentemente de religião, raça, situação econômica, entre outras características. Lembro-me de um Candomblé que o proprietário construiu, nas terras da fazenda, no limite de uma estrada. A situação foi resolvida pacificamente pois, após a discussão doméstica, ficou decidido que meu avô não reclamaria a faixa de terra, uma vez que era um local para prática religiosa.

O exemplo da força e determinação da minha mãe em estudar tardiamente, durante à noite, após o dia exaustivo de trabalho, e ter conseguido se formar em Contabilidade e em Magistério, passando a ser professora e melhorando a situação financeira, foi outro aprendizado adquirido. Que mulher! Pele escura, cabelos crespos, estatura mediana, sorridente, cheia de

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102003.
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1769

energia, acolhedora, e sempre que podia, ajudava as pessoas do interior a buscarem cuidados médicos na capital do Estado. Não teve oportunidade de fazer um curso universitário, mas, certamente, seria uma assistente social de mão cheia.

Assim, diante do exemplo materno, das adversidades da vida e do depender de meus avós para sobreviver, foquei no estudo como meio de ter acesso a um trabalho digno, com remuneração adequada e que me proporcionasse a independência financeira. A minha escola ficava na cidade, a 3 km de distância, e eu andava sob sol escaldante, porém não me queixava. Sempre me esforcei e era considerada, pelas professoras, como uma excelente aluna, no entanto, para alguns colegas o fato de ser da roça dificultava as relações e era frequentemente chamada de tabaroa e "papa jaca" – se hoje, seria *bullying*. Mas não me importava, adorava viver na roça e esperava ansiosamente para retornar para casa após a aula.

Saí para cursar Enfermagem em outra cidade, mas minha mãe permaneceu morando na roça e, após a morte dos meus avós, herdou a parte da fazenda que tinha a casa – foi beneficiada pelos irmãos por ser a única a não ter casa própria. Fui a primeira e única da minha família nuclear a fazer um curso universitário. Atingi meu objetivo de ter independência financeira e, logo após receber meus primeiros salários, pude retornar à roça e ajudar minha mãe a melhorar as condições de vida: ter acesso a água potável ao invés de retirar água da cisterna; ter telefone fixo; móveis novos, televisão etc.

A minha identidade como mulher, filha, esposa, mãe, enfermeira e professora está alicerçada na terra de chão batido da roça em Muritiba. Agora, em minha família nuclear, composta por meu marido e meu filho, perpetuo os conhecimentos e valores enraizados.

Há poucos anos, para minha surpresa, mamãe dividiu os bens e me deixou como herdeira da casa da roça. Às vezes penso nas responsabilidades emocionais que a transmissão desse patrimônio acarreta sobre mim, mas as memórias me sinalizam que permaneço conectada à minha fonte de energia. Reflito sempre sobre: o que herdei? Herdei a casa da roça onde nasceram tias, tio, meus irmãos e eu; casa rodeada de varanda onde vovô coloca esteiras de palha e fumando um cachimbo, passava a contar estórias (Almeida, 2019). Herdei muito mais que um imóvel, herdei uma carga de subjetividades que norteia todo o meu caminhar.

Atualmente eu não resido na chácara, mas realizo visitas constantes, especialmente quando enfrento adversidades ou tenho decisões importantes a tomar. Daquele pedacinho de terra com a antiga casa, necessitando de restauração, e sua natureza singela, emana energia capaz de me revitalizar por meio das memórias impressas em minha alma.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102003.
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1769

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PERCURSO

O trabalhar e viver na (e da) roça me conduziu a uma riqueza de conhecimentos que me acompanha por onde quer que ande – compõem minha identidade pessoal e refletem na identidade profissional. Hoje vivo na cidade grande, entretanto, não abandono meus balaios carregados de saberes e práticas que auxiliam na minha sobrevivência. Assim, crescer na roça me proporcionou uma conexão com a terra e a natureza, vivi uma vida simples, mas cheia de sentido. Pude contribuir e admirar o trabalho agrícola, cuidar de animais e participar de um senso coletivo de união e parceria junto à comunidade. A casa da roça era bem rústica, com pouca estrutura e praticamente nenhum conforto, mas foi o espaço em que me senti mais feliz, próxima de Deus e que adquiri força para enfrentar os desafios da vida.

A memória da infância na roça, junto aos meus avós, está viva no presente, em pensamentos e ações diárias, reverberando nas subjetividades e objetividades que permeiam minhas relações como o outro, com o sagrado e com a natureza.

O relembrar e escrever minhas experiências trouxeram à tona situações de dores e de alegrias que, ao serem aradas e remexidas por minha memória, promoveram sementes de cura e compartilharam percepções e sentimentos que podem reluzir nas lembranças e nos sentimentos de outras pessoas para que, de certo modo, identifiquem-se e sintam-se contemplados com as estratégias de superação e enfrentamento do vivido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aline Mota de. As minhas diversas famílias extensas: espaços de aprendizagem, interação e do vir a ser. *In:* RABINOVICH, Elaine Pedreira; BASTOS, Ana Cecília de Sousa; CARDOSO, Lorena Marques Nascimento (org.). **Raízes da Família extensa no Brasil**: (re)conexões colaborativas. Curitiba: CRV, 2020. p. 171-174. V. 3.

ALMEIDA, Aline Mota de. A casa dos avós – a casa da roça – Minha casa. O que herdei? *In:* RABINOVICH, Elaine Pedreira *et al.* (org.). **Objetos de família**: vozes e memórias. Curitiba: CRV, 2019. p. 235-240. V. 2.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

CARDOSO, Lorena Marques Nascimento. A descoberta do método no percurso. *In*: RABINOVICH, Elaine Pedreira; BASTOS, Ana Cecília de Sousa; CARDOSO, Lorena Marques Nascimento (org.). **Raízes da Família extensa no Brasil**: (re)conexões colaborativas. Curitiba: CRV, 2020. p. 81-87. V. 3.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102003.
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1769

ERIKSON, H. Erick. **Identidade, juventude e crise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar. 1972.

GAMA, Fabiene; RAIMONDI, Gustavo Antonio; BARROS, Nelson Filice de. Apresentação - Autoetnografias, escritas de si e produções de conhecimentos corporificadas. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, [*S. l.*], n. 37, e21300, 2021. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/262426. Acesso em: 16 nov. 2025.

SÁ, Bianca Floresta de. **Autoetnografia: ensaio sobre o método**. 2024. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/43759/3/Autoetnografia%20ensaio%20sobre%20o%20m%C3%A9todo%20-%20Bianca%20Floresta%20de%20S%C3%A1.pdf. Acesso em: 26 ago. 2025.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, [*S. l.*], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: https://revistas.usp.br/plural/article/view/113972/133158. Acesso em: 31 ago. 2025.

SANTOS, Suellen Cloger dos; LIMA, Marcos Hidemi de. A mulher e a roca: estudo sobre Dona Henriqueta. **Revista da Anpoll.**, [*S. l.*]. v. 55, e1985, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.18309/ranpoll.v55.1985. Acesso em: 31 ago. 2025.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, [*S. l.*], v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/X5DFFZCZsb4pmrLchTsQVpb/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 31 ago. 2025.

TEDESCHI, Losandro Antônio. Meu nome é "ajuda". A vida cotidiana e as relações de poder, gênero e trabalho das mulheres trabalhadoras rurais na região noroeste do Rio Grande do Sul. **Contexto e Educação**, [*S. l.*], ano 19, n. 71/72, p. 45-64, 2004. Disponível em: https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1132/887. Acesso em: 26 ago. 2025.

Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 02/09/2025 **Aceito em**: 22/11/2025 **Publicado em**: 04/02/2026	**Received on**: 02/09/2025 **Accepted in**: 22/11/2025 **Published on**: 04/02/2026
Conflitos de Interesse A autora declarara não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	**Interest conflicts** The author declared that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT DE ALMEIDA, Aline Mota. Identidade forjada na roça: arando as terras da minha memória. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102003. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1769	**How to cite this article - ABNT** DE ALMEIDA, Aline Mota. Identity forged in the field: plowing the lands of my memory. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102003. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1769
Licença de Uso A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	**Use license** The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.